

**EVOLUÇÃO ECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA (BA):  
DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XXI**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosali Braga Fernandes**

Professora Adjunta da UNEB  
rosalifernandes@ig.com.br

**Prof.<sup>a</sup> Msc. Leila Cristina da Silva Oliveira**

Professora Assistente da UNEF  
Professora Assistente da FAMAM  
Instrutora do SENAC  
leilacris@gmail.com

## **RESUMO**

A partir do contexto e das principais características do Recôncavo Baiano, o artigo analisa a evolução do município de Cachoeira, desde seu povoamento no século XVI, seu apogeu econômico no século XIX, sua decadência a partir do início do século XX e seu reaquecimento no século XXI. Ainda que o principal enfoque seja o econômico, são abordados também aspectos demográficos, sociais e geográficos para demonstrar a trajetória de referido município.

Palavras-Chave: Cachoeira. Recôncavo Baiano. Desenvolvimento Local.

## **INTRODUÇÃO**

O artigo se propõe a avaliar, a trajetória evolutiva de Cachoeira, desde as suas origens (século XVI) até a chegada da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) no século XXI e pertence a uma pesquisa mais ampla (OLIVEIRA, 2012) onde foram realizados levantamentos bibliográficos, cartográficos e estatísticos, além de trabalhos de campo com realização de entrevistas variadas.

## **CARACTERIZAÇÃO GERAL**

Na divisão do Estado da Bahia por Territórios de Identidade, o Recôncavo congrega 20 municípios: Cachoeira, Cabaceiras do Paraguaçu, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macêdo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

O Recôncavo é definido como a área continental que se apresenta na forma côncava margeando uma grande cidade ou um grande porto. O Recôncavo baiano se apropriou dessa nomenclatura, a qual passou a traduzir sua dimensão socioeconômica. Santos (2009) ressalta que o Recôncavo baiano é constituído por sub-regiões determinadas pelos tipos de produção agrícola e pelas relações comerciais estabelecidas.

O Recôncavo baiano, região de topografia baixa - exceção da faixa entre Muritiba e Cruz das Almas - com altitude média de 200m, está encravado numa extensão de terra composta por tabuleiros e mangues e sua denominação tradicional remete diretamente a sua função de periferia de Salvador e a forma geométrica côncava em torno da Baía de Todos os Santos.

Em termos naturais, os municípios apresentam homogeneidade relativa de fatores físicos - clima, regime pluviométrico, dentre outros - e o solo tem baixa



Seus limites geográficos coincidem com os municípios de Conceição da Feira ao norte, Santo Amaro e Saubara a leste, São Félix, Maragogipe, Governador Mangabeira e Muritiba a oeste. O município apresenta temperatura média anual de 25,4°, seu relevo é caracterizado pela presença de formações do tipo tabuleiro e sua hidrografia tem como principal curso o Rio Paraguaçu, que forma a Baía do Iguape.

A cidade de Cachoeira foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1971, por causa da sua arquitetura em estilo predominantemente barroco e reúne o segundo maior acervo arquitetônico do Estado da Bahia. Seu casario, igrejas e prédios históricos preservam a imagem do Brasil Império.

### **SÉCULOS XVI – XIX: SURGIMENTO E APOGEU**

Em 1511 os portugueses expedicionários chegaram ao último ponto navegável do Rio Paraguaçu, limitados por uma queda d'água; uma “cachoeira”. Somente em 1531, com a expedição de Martim Afonso de Souza e Paulo Dias Adorno foram realizadas as primeiras tentativas de povoamento nas áreas do Paraguaçu. Na margem esquerda, foi construída a Freguesia, a qual foi elevada à categoria de “**Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira**” em 1698 (grifo nosso).

Santos (2009) destaca que, para evitar e combater a exploração clandestina das terras recém-descobertas, o governo português iniciou o povoamento da região concedendo terras aos portugueses com recursos, para que fossem instalados os primeiros engenhos de cana-de-açúcar, iniciando assim, a expansão da atividade açucareira. Cachoeira constituía-se como ponto de ligação estratégica entre Salvador e os sertões, além de ser o último ponto navegável do rio Paraguaçu.

As relações econômicas do Recôncavo foram, durante muito tempo, representadas pela Vila de Cachoeira, a qual concentrava o centro político administrativo da localidade (SANTOS, 2009). Sendo composta pela sede e mais sete Freguesias: Senhor Deus Menino de São Félix; São Pedro de Muritiba; Nossa Senhora do Desterro do Outeiro Redondo; Nossa Senhora do Bom Sucesso da Cruz das Almas; São Thiago do Iguape; Nossa Senhora da Conceição da Feira e Santo Estevam do Jacuípe.

Devido a sua importância político-econômica, Cachoeira teve destaque nas lutas pela Proclamação da Independência do Brasil, ao dominar um navio da armada portuguesa, em 25 de junho de 1822, transformando a cidade num dos principais pontos

de resistência. Em 13 de março de 1837, Cachoeira é elevada à categoria de Município pela Lei Provincial n.º 43, também recebendo o título de “Cidade Heróica”.

O século XIX é marcado pelo desenvolvimento econômico e social da cidade, devido à evolução dos meios de transporte. Segundo Bacelar (1975), em 04 de outubro de 1819, Cachoeira deu início à navegação a vapor no Brasil, mas, somente em 1839 teve começo o tráfego regular de passageiros e cargas com a criação de uma companhia de navegação a vapor entre os portos da Baía de Todos os Santos.

As principais lavouras no Recôncavo originavam-se da exploração de cana-de-açúcar e fumo, utilizando mão-de-obra escrava ou homens livres contratados. A partir dessas culturas, outras atividades subsidiárias se desenvolveram no entorno do engenho: a pecuária, a agricultura, o café, o algodão, entre outros (SANTOS, 2009).

Embora o açúcar mantivesse relativa vitalidade, o grande produto do município era o fumo, o qual inicialmente servia como meio de troca no tráfico de escravos, dada a ampla produção na região, teve grande importância econômica até meados do século XX. Santos (2009) observa que o clima e o solo específicos do Recôncavo Sul, proporcionavam a produção do fumo de melhor qualidade para charutos nacionais e internacionais.

A população de Cachoeira vivia em torno do fumo: o cultivo, a comercialização, a fabricação de charutos, o transporte, o armazenamento e o beneficiamento do mesmo. Com o aumento da produção fumageira visando a exportação, grandes fábricas foram instaladas na região por empresários europeus interessados no fumo aromático para a produção de charutos.

Tal opção pelo fumo marcou o fim da centralidade da agroindústria açucareira na região. Já na segunda metade do século XIX a produção de charutos tornou-se a atividade agroindustrial mais importante de Cachoeira, tendo como destaque as indústrias Suerdieck (alemã), a Leite & Alves (brasileira) e a Companhia de Charutos Dannemann (alemã) na Freguesia de São Félix. O Recôncavo então se tornou o berço da produção fumageira brasileira mantendo-se na liderança até meados do século XX (SANTOS, 2009).

Segundo Bacelar (1975), ao mesmo tempo em que se desenvolvem as atividades industriais, relacionadas, com o fumo, Cachoeira dispunha do maior tráfego

comercial da Bahia e, devido ao seu grande raio de influência servindo regiões de variadas atividades econômicas, era a principal sede da partida e chegada.

A era ferroviária iniciou-se na segunda metade do século XIX e teve importância decisiva no processo de elaboração urbana do Recôncavo, segundo Santos (1998). As ferrovias partiam dos portos já solidamente estabelecidos, a começar por Salvador, enquanto as demais tinham como estação inicial as cidades de Cachoeira/São Félix, Santo Amaro e Nazaré. As estradas de ferro vieram a favorecer de modo sensível os portos a que serviam, especializando-os ainda mais naquele momento. A construção da Estrada de Ferro Central da Bahia, e partindo de Cachoeira em direção a Feira de Santana em fins de 1880 reafirmou a potencialidade da região, favorecendo, sobretudo, a região fumageira; enquanto a estrada de ferro e porto de Santo Amaro tornava-se quase que exclusivamente responsáveis pela produção açucareira (SANTOS, 2009, p.59).

A década de 1860 é, para Cachoeira, um período básico de sua evolução socioeconômica. A ferrovia consolidou a posição de Cachoeira como centro comercial no Recôncavo. Segundo Bacelar (1975), no primeiro ano de operações a companhia transportou mais de 25 mil passageiros e quase 6 mil toneladas de carga, especialmente fumo e gêneros alimentícios para os mercados da capital e das cidades do Recôncavo.

Por dispor de um porto fluviomarinho, conectado a uma estrada de ferro – Central da Bahia – ligando a cidade de Salvador à região Sudeste do Brasil, partia de Cachoeira um ramal para a cidade de Feira de Santana. Brito (2008,p. 93) observa que

[...] ao longo do trajeto a ferrovia colocava em comunicação várias localidades e cidades próximas e distantes, especialmente situadas nos municípios fumageiro. Esses dois equipamentos serviam para fazer o transporte de vários tipos de mercadorias provenientes de zonas adjacentes (principalmente o fumo) e do Sertão para o porto exportador em Salvador, ao tempo em que também cumpriam a função de receber e distribuir as mercadorias provenientes desta cidade ou que a ela chegavam como resultado do comércio inter-regional.

Para Santos (2009) a construção da estrada ligando Cachoeira a Feira de Santana favoreceu uma forte relação comercial entre ambas, principalmente pela via de acesso para as regiões do norte do Recôncavo e para Salvador. O porto de Cachoeira continuou sendo ponto de ligação entre a navegação fluvial e as rotas terrestres até fins do século XX.

## **SÉCULO XX: DECADÊNCIA**

O século XX caracterizou-se pelo declínio e consequente estagnação econômica do município de Cachoeira. Como fatores cruciais neste processo destacam-se: as crises do fumo e do açúcar – iniciadas no final do século XIX; e a chegada da

Petrobras (em meados do século XX) na região do Recôncavo que favoreceu, alguns municípios em detrimento de outros como Cachoeira. A referida estagnação econômica perdurou até o início do século XXI. Os itens a seguir, analisam tais estágios individualmente.

Desde a primeira grande crise do ciclo econômico da cana-de-açúcar, na segunda metade do século XVII, a área do cultivo de cana-de-açúcar passou a diminuir no Recôncavo Baiano, apesar dos subsídios da Coroa Portuguesa. Para Brito (2008), na primeira metade do século XIX, o açúcar brasileiro, vinha sofrendo com a concorrência dos produtores estabelecidos nas Antilhas e do açúcar de beterraba, produzido na Europa.

Os proprietários e a lavoura não suportavam o custo de contratação de trabalhadores livres, importados constantemente para substituir a mão-de-obra escrava. Porém, o processo de industrialização favoreceu a produção fumageira e seu complexo agroindustrial a partir de meados do século XIX, ensejando a indústria de charutos e pontecendo uma trajetória também marcada pela alternância de períodos de prosperidade e de crise (SANTOS, 2009).

A partir de 1873 abre-se, o ciclo descendente da economia açucareira no Recôncavo, devido a uma sequência de fatores como: a retomada da produção de açúcar nas Antilhas; a introdução da beterraba como matéria-prima principal no processo de fabricação do açúcar europeu; e, principalmente, a Abolição da Escravatura em 1888.

Segundo Brito (2008) a decadência da atividade açucareira e a concentração de usinas de açúcar restritas a uma pequena área ocorreu não só pela existência de grandes distâncias a vencer e pela precariedade do sistema de transporte no Recôncavo Baiano. Destacam-se, também, aqui as ações de natureza especulativa determinadas pelo fato da atividade ter se desenvolvido usufruindo dos subsídios do Estado e pelo lucro fácil ao qual os grandes comerciantes e financistas que controlavam a atividade açucareira na Bahia estavam acostumados.

Para Santos (2009) o Recôncavo sofria desde o final do século XIX com: a diminuição dos negócios da lavoura; o êxodo da mão-de-obra local para as minas de ouro e diamante na Chapada Diamantina; e a falência das forças produtivas a partir da extinção do trabalho escravo.

Durante os primeiros quarenta anos do século XX, o Recôncavo presencia a desorganização de seus arranjos de produção e a redução dos circuitos de tráfego inter-regional, por terra e mar. Mesmo diante dessa reorganização a

região continua a manter-se, por mais algum tempo ainda, de certo modo intacta enquanto paisagem, com muito de suas tradições e da dignidade das cidades de antes. A situação muda completamente a partir da segunda metade do século, quando a expansão da rede rodoviária nacional e a integração do mercado interno terminariam por marginalizar os velhos centros de produção regional e por debilitar a impotente rede urbana que envolvia a Baía de Todos os Santos (SANTOS, 2009, p. 75).

Com a Primeira Guerra Mundial, o açúcar brasileiro voltou a ser valorizado. Porém, em meados de 1923, houve a retomada da produção do açúcar de beterraba na Europa, levando o Recôncavo açucareiro a mergulhar numa nova crise. Este mesmo fenômeno se repetiu durante a Segunda Guerra Mundial, culminando numa crise financeira ainda maior para a economia açucareira do Recôncavo Baiano, graças à ação especulativa dos usineiros baianos (BRITO, 2008).

Com grande parte das usinas em estado de “fogo morto”, já na segunda metade da década de 1940, o capital empregado na atividade açucareira revelava a agonia de seu processo de reprodução. A atividade açucareira se mantinha de maneira quase que especulativa (BRITO, 2008). Como consequência da grave crise que pairava sobre a economia regional, motivada pela aceleração progressiva da escassez de empregos, somado ao fato de que quase a totalidade das terras pertencia aos usineiros e fazendeiros, a população passou, então, a migrar preferencialmente para a capital da Bahia.

A partir dos anos 1950, um novo ciclo econômico reaquece o Recôncavo Baiano: a exploração de petróleo e outras atividades industriais. Contudo o petróleo não existia em todo o Recôncavo Baiano, mas apenas em uma parte dele. A paisagem do Recôncavo se transforma e os canais ficam delimitados a pequenas superfícies.

A criação da Petrobrás, especialmente, com seus campos e refinarias, transformaria definitivamente o cenário do Recôncavo baiano de forma desigual, deixando de fora o alto e o baixo Recôncavo e afetando profundamente a produção do fumo, da cana e a produção ceramista. De fato, o início da exploração petrolífera causou um forte impacto sobre aquela velha região de origem colonial e território de produções fumageira e açucareira de teor mais tradicional (SANTOS, 2009, p.76).

Como Cachoeira não fazia parte dos municípios produtores de petróleo nos anos de 1960, caracterizando sua produção decadente entre a cana-de-açúcar e o fumo, restava-lhe servir de base da força de trabalho que compunha o exército industrial de reserva à disposição da Petrobras (BRITO, 2008).

Segundo Pedrão (2007) a entrada da Petrobras e a produção petroleira incentivaram a modernização local. Cachoeira, que sempre fora a porta de entrada para o Sertão através do vale do Rio Paraguaçu, cedeu lugar a Santo Antônio de Jesus, onde se iniciou o plano de transporte rodoviário. O que se verificou nas décadas seguintes foi a imersão do município num quadro econômico caótico, levando os quadros qualificados a migrarem para a capital baiana ou para os municípios produtores de petróleo.

O decênio 1930-1940 iniciou no Recôncavo uma fase de grandes transformações na hierarquia regional. E a revolução dos meios de transporte foi uma grande indutora da referida mudança. Cachoeira seria afetada profundamente por esse processo, pois, se o vapor e a ferrovia fortaleceram sua posição como centro comercializador, a construção das estradas de rodagem e a extensão da rede ferroviária teria efeito diverso.

Cachoeira traz consigo a ausência do dinamismo econômico desde o final da década de 1960, fruto do débil fluxo de entrada de capital e também do movimento emigratório. Por um lado se mantém a riqueza cultural, que é característica marcante da região, e por outro, paradoxalmente, se generaliza a pobreza.

O município entra progressivamente em declínio econômico e social, o que tipifica uma economia de apogeu e decadências em que a melhora da situação de algumas regiões ocorria simultaneamente com o empobrecimento de outras. Segundo Bacelar (1975) em 1933, Cachoeira se comporia apenas da sede, de Belém, São Tiago do Iguape e Patos, para em 1938 constituir-se nos atuais distritos: Belém e Iguape.

Para Santos (2009, p. 77)

[...] o processo de desenvolvimento do sistema viário, a monetarização dos círculos locais da economia popular e o crescimento da população foram alguns dos principais fatores responsáveis por uma redefinição das condições de vida do Recôncavo e pela valorização de outros centros urbanos como Alagoinhas, Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana, tendo esta última se tornado o maior entroncamento rodoviário do Nordeste.

Para Santos (2009) essa ligação entre capital e Feira de Santana deslocou Cachoeira para fora do eixo de crescimento econômico. Esse vínculo havia se formado durante muito tempo pelo transporte marítimo-fluvial devido à localização privilegiada da cidade entre a Baía de Todos os Santos e o Rio Paraguaçu. A própria evolução do

sistema de navegação marítimo-fluvial, associado ao assoreamento do Paraguaçu, tornou impraticável o trânsito comercial no porto de Cachoeira.

Segundo Brito (2008) no Estado da Bahia subsistiam zonas de atividades agropecuárias e agroindustriais: açúcar e fumo (Recôncavo Baiano), cacau (Sul da Bahia), sisal e gado (Sertão), pouco prosperas, autárquicas e controladas pelos financistas e pelos grandes comerciantes sediados na cidade do Salvador. Assim a produção de alimentos e a criação de animais de corte e leite ocorriam de maneira marginal, em pequena escala. Contudo, o Recôncavo Baiano como um todo, gerava um excedente de alimentos que eram produzidos como substitutos ao açúcar e fumo – ambos em crise. Vale notar que o excedente que não se comercializava na cidade do Salvador era oferecido nas feiras-livres locais.

A cidade perde a vitalidade, tornando-se o esboço degradado de um dos núcleos mais importantes, na esfera socioeconômica do Recôncavo Baiano. Com a retração e a extinção de uma imensa rede de serviços, atividades comerciais e industriais, a oferta no mercado de trabalho local sofre uma forte retração, aumentando progressivamente o número de desempregados na cidade. Com o declínio econômico, a cidade perdeu importância como centro de fluência migratória ao mesmo tempo em que, sua população começa a migrar para as cidades economicamente ativas – Salvador, Feira de Santana, Candeias, Camaçari, entre outras.

Para Pedrão (2007, p. 10) “A inibição do crescimento da população do Recôncavo acentuou-se desde 1967, quando coincidiu a desativação do porto de São Roque do Paraguaçu, a inauguração da BR 116 e a implantação do Centro Industrial de Aratu”. Outro aspecto importante segundo Bacelar (1975) são as enchentes do Rio Paraguaçu, que exerciam forte influência psicossocial na população local, além de deteriorar o acervo arquitetônico.

Na década de 1980 o Governo da Bahia começa a estruturar a exploração da atividade turística no litoral baiano e em suas imediações. Devido ao seu conjunto arquitetônico preservado desde o período colonial e a sua proximidade de Salvador, Cachoeira torna-se um dos principais roteiros turísticos do Estado da Bahia. Contudo a cidade sofre com a sazonalidade do mercado turístico, além da falta de investimentos e políticas públicas voltadas para a profissionalização e linearidade do turismo local. Assim, economia do município permanece incipiente durante toda a década de 1990.

A retomada do crescimento econômico iniciou-se no século XXI, com o início do Programa Monumenta – restaurando o patrimônio arquitetônico do município, a instalação do pólo de curtimento da Mastrotto Brasil S/A e a implantação do Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Cachoeira.

## SÉCULO XXI: NOVOS RUMOS

Mas, como nada está, de fato, estagnado, o processo de mudança começa a trazer seus reflexos. É o que podemos observar, por exemplo, no último Censo Demográfico do município de Cachoeira, efetuado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 (Tabela 1).

**Tabela 1 – População Residente, Taxa de Urbanização e Densidade Demográfica – Censo 2000 e 2010**

Ano	População Residente			Taxa de Urbanização	Densidade Demográfica (Hab/Km²)
	Total	Urbana	Rural		
2000	30.416	15.831	14.585	52,05	76,33
2010	32.026	16.387	15.643	51,17	81,06

Fonte: IBGE, 2011.

Uma análise dos dados constantes da Tabela 1 revela que a população do município aumentou em torno de 5,3% entre 2000 e 2010. Verificou-se também, um crescimento da população urbana entre 2000 e 2010 aproximadamente 3,5%, se comparado ao crescimento da população rural de 7,2% no mesmo período. A densidade demográfica teve em 10 anos um aumento de 6,2%, enquanto a taxa de urbanização teve uma redução de aproximadamente 1,7%, dado o tombamento da sede do município.

De acordo com o mesmo Censo, a população é predominantemente composta por jovens entre 10 e 29 anos de idade, os quais respondem por 40% da população total do município, seguidos pelos adultos de 30 a 59 anos de idade, os quais compõem 35% da população local. As crianças de 0 a 9 anos de idade correspondem a 15% da população e, os idosos entre 60 e 99 anos de idade, a 10%, seguidos pelos centenários com 0,04%.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico – 2008 (IBGE, 2011), o município de Cachoeira possui 7.433 unidades de economias ativas e domicílios abastecidos com água. Com um volume de água tratada e distribuída por dia de 3.123 metros cúbicos. Possuía nas escolas do nível pré-escolar até o nível superior em 2008 um total de 11.298 alunos matriculados, 93 instituições de ensino e 504 docentes. Em

2009 o município possuía 26 estabelecimentos de saúde, sendo que 22 desses estabelecimentos eram públicos e geridos pelo município e que 4 deles pertenciam à esfera privada.

A agricultura do município de Cachoeira é composta substancialmente pelas lavouras de mandioca, cana-de-açúcar, dendê e cítricos. A pecuária local é composta por bovinos, caprinos, suíno, ovinos, equinos, asininos, muares e principalmente aves.

No setor industrial, destacam-se as indústrias de couro para calçados, papel reciclado, laticínios e derivados da cana-de-açúcar. Contudo a participação do setor secundário na economia local é inferior aos serviços.

No setor serviços o município dispõe de um hospital público, farmácias, lojas de calçados e vestuários, supermercados e lojas de conveniências. Bares e restaurantes compõem a estrutura de lazer local, além de pousadas, apart-hotéis e pensões. O turismo cultural é uma das fontes de geração de renda local, já que a cidade é tombada pelo IPHAN como patrimônio arquitetônico, além das festas populares e religiosas, com destaque para a festa de São João em Junho e da Irmandade da Boa Morte em Agosto. O município dispõe ainda de três bancos, 3 colégios particulares, 2 colégios públicos, uma faculdade particular e a UFRB como universidade pública.

Segundo dados do IBGE, o município de Cachoeira em 2008 acumulou o PIB a preços correntes de R\$ 173.990 milhões, participando com aproximadamente 0,15% do PIB do Estado da Bahia. A Tabela 2 demonstra a evolução detalhada do PIB do município entre 2003 e 2008:

**Tabela 2 – Valor Adicionado, PIB e PIB Per Capita a preços correntes no município de Cachoeira, no Estado da Bahia – 2004-2008**

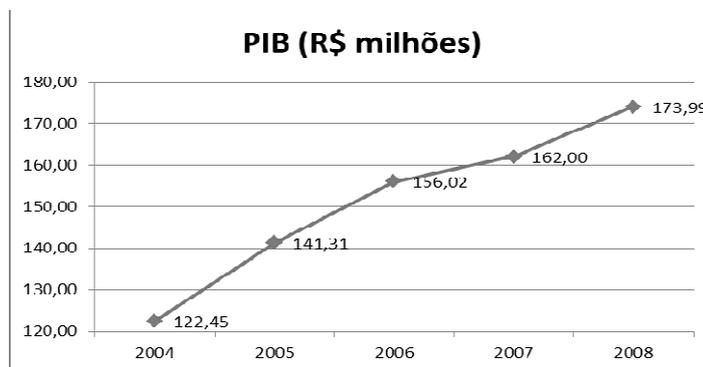
Ano	Valor Adicionado (R\$ milhões)			Valor Adicionado APU <sup>(2)</sup> (R\$ milhões)	Impostos Sobre Produtos (R\$ milhões)	PIB (R\$ milhões)	PIB Per Capita (R\$ 1,00)
	Agropecuária	Indústria	Serviços <sup>(1)</sup>				
2004	13,17	36,36	60,35	21,28	12,57	122,45	3.886,42
2005	10,97	50,09	70,08	26,00	10,17	141,31	4.451,00
2006	11,82	52,61	80,16	27,56	11,42	156,02	4.878,25
2007	12,31	49,28	89,21	31,20	11,21	162,00	5.022,94
2008	14,23	46,25	101,32	N/I	12,17	173,99	5.194,50

Fonte: SEI (2010), IBGE (2010)

<sup>(1)</sup> Inclui APU. <sup>(2)</sup> Administração Pública (atividades governamentais).

Entre 2004 e 2008, o PIB do município teve um crescimento médio de 8,42%, sendo que o PIB Per Capta, acompanhou esta tendência de crescimento, na ordem de 6,73%, (Gráfico 1).

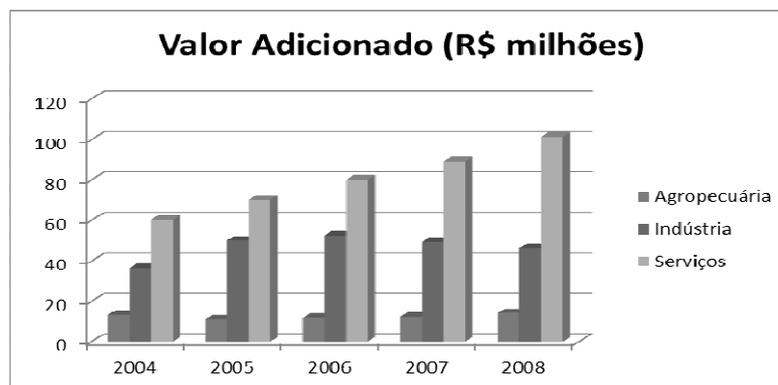
**Gráfico 1 – Evolução do PIB do município de Cachoeira, no Estado da Bahia, 2004-2008**



Fonte: Oliveira, 2012.

Vale ressaltar, que em 2005 – ano de início das atividades da UFRB no município – houve o maior índice de crescimento do PIB, 15,40% em relação a 2004, seguido de 10,41% em 2006. O ano de 2007 teve o menor índice de crescimento do período, 3,83% – um reflexo da crise econômica mundial. Contudo, em 2008, registra-se um crescimento na ordem de 7,40%. Tais valores, proporcionaram ao município, de 2004 a 2008, uma taxa de crescimento médio anual de 9,26%. Nesta tendência de crescimento do PIB no intervalo de 2004-2008, o setor Serviços destaca-se na avaliação da taxa de crescimento médio absoluto: 13,58% serviços, seguido pela indústria 5,44% e agropecuária 1,61% (Gráfico 2).

**Gráfico 2 – Comparação do Valor Adicionado, dos componentes do PIB, no município de Cachoeira, no Estado da Bahia – 2004-2008**



Fonte: Oliveira, 2012.

## CONCLUSÃO

O setor Serviços foi o que mais contribuiu para o crescimento do PIB brasileiro nos últimos anos. E, a cidade de Cachoeira, após anos de estagnação econômica retomou o crescimento econômico tendo como carro chefe, a implantação do *campus* da UFRB no município, além de outros fatores, tais com a instalação do pólo de curtimento

da Mastrotto Brasil S/A em 2000. As ações do Programa Monumenta no município, com reformas dos imóveis locais, certamente contribuíram para a arrecadação do ISS, assim como as ações de empresas privadas para a construção do gasoduto ligando São Roque do Paraguaçu à cidade de Catu, mas é inegável que somente essa injeção de capital não foi suficiente para justificar a escala ascendente da arrecadação municipal.

Na análise do processo evolutivo, foi elucidada a importância do município para a economia do Brasil colônia, tanto quanto exportador de açúcar, quanto como ponto estratégico, por ser o último ponto navegável do Rio Paraguaçu. Contudo, no início do século XX, iniciou-se o processo de recrudescimento da economia cachoeirana. Tendo como ponto de partida a crise açucareira e fumageira, seguido da descoberta de petróleo em determinadas regiões do Recôncavo, a construção das rodovias federais dentre outros fatores que levaram o município a um estado de estagnação econômica que perdurou durante todo o século XX e início do século XXI.

A análise da dimensão socioeconômica trouxe dados atualizados pelo Censo Demográfico 2010, publicado pelo IBGE. Na dimensão econômica surgiram os primeiros indícios de que a economia cachoeirana havia reagido positivamente à implantação da UFRB no município. Um dado chama a atenção: o aumento de mais de 8% no PIB do município entre 2004 e 2008.

A chegada da universidade trouxe novos consumidores para ao município, impulsionando o comércio local a se atualizar, a contratar novos empregados e a aumentar sua capacidade de carga, visando atender, da melhor forma possível, os novos consumidores. Assim, no último período de análise desse artigo, é possível constatar que Cachoeira vive um novo momento de ascensão econômica.

É imperativo que se fomente o debate a cerca da exploração das oportunidades econômicas geradas pela UFRB em Cachoeira, bem como da relação dessa instituição com os cachoeiranos. Propõe-se a conversão dos recursos gerados pelo crescimento econômico em melhorias na saúde, educação e na qualidade de vida dos cachoeiranos e dos novos moradores trazidos pela universidade, promovendo assim o desenvolvimento socioeconômico.

## **REFERÊNCIAS**

BACELAR, J. A. **Esboço sócio histórico da cidade de Cachoeira**. Fundação do Patrimônio Artístico Cultural. Salvador, 1975. 18 p. mimeografado.

BRITO, C. A. **PETROBRAS e a gestão do território no Recôncavo Baiano.**

Salvador: EDUFBA, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010 –**

**Cachoeira, Bahia.** Rio de Janeiro: 2011. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>>. Acesso em 04 fev. 12.

OLIVEIRA, L.C.S. **Reflexos da Implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) na economia de serviços do município de Cachoeira.**

2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

PEDRÃO, F. Novos e Velhos Elementos da Formação Social do Recôncavo da Bahia de Todos os Santos. **Recôncavos:** Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras, vol. 1 (1),2007, p.08 – 22. Disponível em:

<<http://www.olhando.com.br/reconcavos/n01/pdf/pedrao.pdf>>. Acesso em: 13 mai.10.

\_\_\_\_\_. Novos Rumos, Novos Personagens. In: BRANDÃO, M.A. **Recôncavo da Bahia.** Sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

SANTOS, R.S. da. **Cultura política e participação no Recôncavo baiano hoje:** uma análise sobre Cachoeira e São Felix. 2009, 165f. Dissertação (Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:

<[http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2872](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2872)>

Acesso em 24 nov. 10.

SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Estatística dos municípios baianos.** Território de Identidade Recôncavo. v. 13. Salvador: SEI, 2010.

Disponível em:

<[http://wi.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=76&Itemid=110](http://wi.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=76&Itemid=110)>. Acesso em: 10 ago. 11.

\_\_\_\_\_. **Índice do Desenvolvimento Econômico e Social da Bahia 2006.** Salvador:

SEI, 2008. Disponível em:

<[http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=74&Itemid=110](http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=74&Itemid=110)>. Acesso em: 11 ago. 11.